

Prefácio

Dagoberto Buim Arena

Como citar: ARENA, D. B. Prefácio. *In:* CUNHA, N. M. A vida nos contos e os contos na vida de crianças. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 9-13. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-016-7.p9-13>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

Inicialmente foram tomadas as decisões a respeito do objeto, orientadas por um universo de princípios teóricos. Depois sobreveio a investigação. Em seguida a sua exposição acadêmica, a tese, e sua avaliação. Depois foi submetida a nova apreciação por professores da UNESP para se tornar, ou não, um livro eletrônico: um e-book. Este foi o percurso desta obra de Neire Márcia da Cunha.

Fruto de estudos árduos e profundos, de incansável processo de geração de dados e de horas intermináveis dedicadas às análises, *A vida nos contos e os contos na vida de crianças: processos de formação de autoria*, ocupa, a partir de agora, um bom e destacado lugar nas esferas educacionais nas quais a intenção de criar e desenvolver as atitudes de autoria de textos em crianças deve ser considerada como ação incontornável para o desenvolvimento das funções psíquicas, mapeadas, destacadas e analisadas por Vigotski e seus colaboradores na Rússia nos anos 1920 e 1930.

A atenção dada às manifestações da arte por esses pesquisadores, entre as quais a literatura, enfatiza o seu papel no processo de humanização das crianças, graças aos caminhos abertos para a compreensão das trocas sociais, propiciadoras das condições para a criação cultural, alavanca humanizadora que endereça o ser humano para o universo de formação de suas atitudes como autor de seu verbo, de sua própria palavra, de seu próprio enunciado, de seu próprio dizer.

Pelas palavras próprias, conquistadas nas trocas sociais e verbais com o Outro, ancoradas em suas vivências e experiências, crianças como as desta obra, em torno de 10 anos de idade, tomam, pouco a pouco, em um processo pessoal, consciência de que podem escrever com tintas impregnadas de vivências e de experiências, tal como fazem os adultos em seus contos e seus romances.

O ponto de chegada desejado por professores para as crianças quando adultas, sempre provisório e sem fronteiras, de bem lidarem com a linguagem verbal escrita, com desembaraço único, próprio e autoral, exige, desde a infância, o posicionamento diante da complexidade específica dos gêneros da palavra, e, dentre eles, o gênero literário, e, em seu interior, especificamente, a literatura para crianças. Esta obra cuida precisamente desse embate entre o pensamento e a palavra, entre escrever o que é próprio, de si mesmo, ou continuar a escrever o que ao outro pertence e do qual nada é apropriado, exceto o exagerado respeito pela palavra estranha a ponto de negar a sua própria.

Esse embate desde os primeiros anos se apoia, para a autora desta obra, nos ensinamentos vigotskianos sobre a forma ideal, projetada e desenvolvida pouco a pouco na infância, para construção do futuro. Os textos das crianças criados e analisados aqui expõem as vísceras da autoria, paradoxal e intelectualmente elaborada por elas na relação com os outros, seus colegas, a pesquisadora, com autores de livros lidos, com as lembranças das situações vividas nas agruras e nas alegrias de uma vida nos primeiros dez anos.

Essas crianças de Uberaba, Minas, protagonistas deste *e-book*, romperam linhas intelectuais que impediam a assunção de atitude autoral, para encontrar, logo depois da ruptura, a satisfação de aprender a imaginar e a criar, graças ao ensino planejado. Sentiram a alegria de experimentar o princípio da liberdade na elaboração de enunciados próprios e plenamente ideológicos, verdadeiras alavancas para seu próprio processo de desenvolvimento como seres humanos. Aprenderam a decidir e a ser responsáveis por sua criação.

Essa aprendizagem resulta, a bem da verdade, de esforços conjuntos entre quem ensina e quem aprende, entre quem ensina como romper as linhas de restrições intelectuais e quem efetivamente as rompe, entre quem planeja a progressão dos encontros didáticos e quem deles intensamente participa. Orientada pelos princípios da teoria da atividade de Leontiev, um dos continuadores dos estudos de Vigotski, Neire Márcia da Cunha, planejou, traçou objetivos, preparou minuciosa e detalhadamente a metodologia de ensino, estabeleceu relações nitidamente dialógicas entre ela e as crianças, mostrou-se generosa na doação de informações, de livros, na projeção de filmes, na leitura oral de histórias, muito sensível em sua condição de professora ao elaborar estratégias com jogos para tornar crianças, isoladas e disputantes entre si, em membros participantes de um grupo de trocas para vencer juntas os obstáculos de uma caminhada íngreme, com o intuito de chegar a um cume, ainda que provisório, da liberdade criativa e autoral.

Os professores de crianças em torno de 10 anos de idade, mas também os de crianças menores ou maiores de 10, vão encontrar nas páginas deste *e-book* o porto seguro de onde podem partir e onde podem

chegar em suas andanças pelos oceanos turbulentos, mas desafiantes, do desenvolvimento da linguagem escrita, da formação da consciência autoral, do desenvolvimento dos atos criativos e, sobretudo, dos atos personalizados plenos de vida.

É a vida, com seus dramas e traços, vivida por esses seres humanos ainda crianças, que nutre seus contos, suas ilustrações e sua conduta. Mesmo em uma obra de teor acadêmico como esta, não há como o leitor deixar de ser tocado pelas vivências, pelas experiências, pelos enunciados escritos e pelos ditos por Eduardo, ao apresentar a versão final de sua trágica narrativa, contando o que vivera com o assassinato dos pais. Assume, mesmo diante da tragédia, “um ar alegre, entusiasmado e contente”, como registra a pesquisadora, que comenta a sua ilustração em elaboração: “No primeiro momento, entregou-me apenas o que está representado no alto da imagem apresentada aqui: a faca, o homem com a arma na mão, o lápis e os escritos”, mas na última versão, sua ilustração recebe acréscimos: “a lua minguante negra ao lado de um sol triste e assustado como testemunhas das cenas fatídicas, um lápis colorido com o coração a pulsar na ponta, destacando-o, sobrepondo-o acima do cenário trágico.” Em rápidas palavras, explica para a pesquisadora quais os sentidos dos desenhos acrescentados: “A lua ficou triste ao ver os disparos e o sol assustou-se com o sangue. O lápis representa sua entrada na escola, uma mudança em sua vida. Nela recebe muito carinho e brinca com os amigos, por isso ele o colocara acima do cenário trágico.”

Em todos os contos criados pelas crianças a vida reverbera assim, em movimento pendular: ora severa, ora generosa. Mais não conto para não ocupar o papel enxerido de um *spoiler*.

Marília, setembro de 2020

Dagoberto Buim Arena